

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

Adeíses Lima dos Santos

Universidade Federal do Maranhão/UFMA; adeiseslima@hotmail.com

Geiziane Kely Costa

Universidade Federal do Maranhão/UFMA; geizianekely28@hotmail.com

Kézia Nunes da Silva

Universidade Federal do Maranhão/UFMA; kezia.nds@hotmail.com

Susane Ataíde Marques

Universidade Federal do Maranhão/UFMA; susieataide19@gmail.com

Maria do Socorro Estrela Paixão

Universidade Federal do Maranhão/UFMA; msepaixao@hotmail.com

Resumo: Este trabalho discute a participação da comunidade no contexto escolar e da sala de aula. Como questão de partida elegemos a seguinte: até que ponto a participação da comunidade externa à escola, pode contribuir para o seu sucesso e, por extensão, para o desempenho acadêmico e social dos seus alunos? Na tentativa de responder essa indagação, empreendemos como ação específica discutir que sentidos são atribuídos pelos sujeitos implicados na gestão da escola e do ensino, à relação escola-comunidade, enquanto mecanismo de participação e de construção do sentimento de pertencimento. Para realizar as análises partimos do pressuposto que a escola como um espaço de sociabilidade, precisa de um trabalho escolar voltado para o envolvimento coletivo, em que todos os agentes possam colaborar para o seu bom funcionamento, tanto na tomada de decisões como na resolução de conflitos. Realizamos a investigação numa escola de ensino fundamental da rede pública municipal de São Luís, MA. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a observação participante e o nosso ‘diário de bordo’, denominação dada ao diário de campo, por entendermos que, mesmo participando das atividades desenvolvidas nos dias das observações ou das visitas, encontrávamos ali com um olhar de viajantes que precisavam, a partir das suas capturas, produzir sentidos e significados para tudo que foi mostrado de modo implícito ou explícito. Além desses instrumentos, realizamos também, entrevista com um professor volante dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para fundamentar nossas discussões dialogamos com Luck (2002), Bezerra (2010), Freire (2011), Lopes (2009) Ribeiro (1984), Paro (1997). Chegamos à conclusão que a participação da comunidade externa - nas decisões da escola -, nada mais é do que o exercício da cidadania e que a educação formal é de responsabilidade de todos. Também consideramos que o sentimento de pertença suscita redes vinculares que dão sustentabilidade e base de apoio à sociabilidade dos grupos ligados à escola.

Palavras-chave: Escola, comunidade, pertencimento, sociabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Este texto relata situações vivenciadas por docentes e alunos (as) em formação inicial do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A discussão apresentada neste ensaio é resultado de análises realizadas num componente curricular do curso, o “Estágio Gestão do Trabalho Docente II”, atividade mediada, no primeiro semestre

de 2017, por uma professora do Departamento de Educação I, no turno matutino. Este componente curricular é composto por atividades teóricas e práticas, ambas fundamentadas por princípios do ensino, pesquisa e extensão, componentes basilares do trabalho docente na universidade. Segundo o programa da disciplina, objetivo das atividades de observação e de análises obdesenvolvidas na escola e na sala de aula da UFMA é investigar a gestão do ensino no cotidiano escolar dos anos iniciais do ensino fundamental destacando o perfil docente, rotina de trabalho, relação espaço-tempo, experiências inovadoras, processo de ensino e avaliação, organização de projetos, ações didático-pedagógicas e sistematização de experiências vividas por meio de narrativas expressas em portfólios e/ou relatórios para ampliação de competências formativas, desenvolvimento de saberes e estabelecimento de vínculos com a escola pela relação teoria-prática. A análise das ações empreendidas para concretizar a sua intencionalidade central, nos autoriza a afirmar que a pretensão da investigação proposta é discutir possibilidades e dificuldades encontradas por docentes para a gestão da sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na tentativa de identificar saídas e reforçar conquistas nos espaços observados. Aspectos das possibilidades e de dificuldades é o objeto que aqui apresentamos.

Isto porque, investigar o cotidiano escolar significa em procurar os sentidos atribuídos pelos sujeitos participantes desse lugar, às dinâmicas de interação presentes na escola, entender como eles veem esse espaço sócio-cultural, quais as expectativas e consternações trazidas para dentro desse grupo social, como esse espaço é utilizado, não apenas como espaço de produção de conhecimento e desenvolvimento de competências, restrito à relação professor e aluno dentro da sala de aula, mas também os outros espaços fora da sala de aula e/ou da escola.

Para iniciarmos a reflexão partimos da seguinte questão: até que ponto a participação da comunidade externa à escola, pode contribuir para o seu sucesso e, por extensão, para o desempenho acadêmico e social dos seus alunos? Justificamos a temática pelo fato de se considerar importante que se compreenda o significado da participação e se valorize a parceria e coparticipação da sociedade civil no contexto da escola. Tal justificativa partiu do pressuposto que a escola como um espaço de sociabilidade, precisa de um trabalho escolar voltado para o envolvimento coletivo, em que todos os agentes possam colaborar para o seu bom funcionamento, tanto na tomada de decisões como na resolução de conflitos, de modo a contribuir para a criação e manutenção de um ambiente harmonioso e produtivo em todos os aspectos demandados por ela, na pessoa dos sujeitos implicados na sua dinâmica.

É cabível esclarecer o que estamos entendendo por escola como espaço de sociabilidade. Tal entendimento decorre da defesa que ela funciona como agente socializador, que deve formar cidadãos críticos e reflexivos, que a participação da comunidade externa deve ser vista como um desafio e como uma possibilidade. Concordamos com Paro (1997, p.16) ao afirmar que a “promoção da participação da comunidade na escola deve ser consequência” da certeza da sua necessidade, de modo que não haja desistência nos primeiros obstáculos encontrados. Dessa forma acreditamos que inserir a comunidade no espaço escolar, e a viabilização de um relacionamento entre ambas, irá garantir na escola a melhoria da qualidade do ensino.

Para fundamentar a investigação utilizamos autores como: Heloísa Luck (2002) que defende a dimensão participativa da gestão escolar, Bezerra (2010), Freire (2011), Lopes (2009) e Ribeiro (1984). Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a observação participante em uma escola de Ensino Fundamental da rede pública municipal de São Luís-MA e o nosso ‘diário de bordo’, denominação dada ao diário de campo, por entendermos que, mesmo participando das atividades desenvolvidas nos dias das observações ou das visitas, encontrávamos ali com um olhar de viajantes que precisavam, a partir das suas capturas, produzir sentidos e significados para tudo que foi mostrado de modo implícito ou explícito. Além desses instrumentos, realizamos também, entrevista com um professor volante dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2. A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

Ao refletirmos sobre a participação da comunidade no contexto escolar e nas ações desta é interessante compreender sobre o significado e a legítima representação que a sociedade tem na escola. Se as pessoas que convivem no entorno escolar são convidadas a participar de ações que visam melhorar o seu modo de vida, ao serem convocadas para questionar e dar opiniões nas decisões escolares, para envolverem-se em debates que possam contribuir de forma significativa e positiva nesse modo de vida, é dada a ela oportunidade de criação de vínculos e de um sentimento de pertencimento, ou seja, os indivíduos passam a pensar em si mesmos como membros da coletividade escolar. Como explica Luck, (2002, p.1) “A participação dá as pessoas a oportunidade de controlar o próprio trabalho, sentirem-se autoras e responsáveis pelos seus resultados, construindo, portanto, sua autonomia”.

Embora o conceito de comunidade durante algum tempo tenha sido entendido

como algo restrito a localização geográfica, aqui, por esta comunidade ser uma escola é entendida como um grupo de pessoas que compartilham algo em comum, que interagem em prol da aprendizagem e do ensino. Nesse sentido, como esclarece Freire (2011, p.10), “Uma Escola Pública popular não é apenas a que garante acesso a todos, mas também aquela de cuja construção todos podem participar, aquela que realmente corresponde aos interesses populares, que são os interesses da maioria”. Portanto, fazem parte da comunidade escolar os alunos, professores, pais, profissionais, gestores e todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuem ou sentem-se beneficiadas por ela.

A escola ao ser um espaço social responsável pela educação formal, possui um papel importante na formação dos indivíduos e dos valores socioculturais. A família, por sua vez, exerce um papel fundamental por estabelecer contato direto com a escola por meio dos princípios e valores ensinados aos seus filhos. Pensando assim, fica fácil entender o quanto é importante ter a comunidade como parceira da escola, seja para fortalecer laços, seja para contribuir, significativamente com ela na erradicação ou enfraquecimento de preconceitos existentes. Tudo isso, na intenção de se ter uma formação de cidadãos críticos e conscientes da sua realidade e responsabilidade social. É o que nos informa um interlocutor: “*Essa relação escola-comunidade é muito mais do que bem vinda, ela também é aplicada de maneira contínua*”. Essa defesa é porque só assim é possível ter na escola um espaço dinâmico, ativo e criativo.

É certo que, a participação da comunidade na escola é reflexo direto do entendimento de democracia que tanto é debatida e discutida em nossa sociedade. O envolvimento de todos na gestão da escola definindo metas, objetivos e planejamentos, nada mais é do que a prática do exercício da cidadania. Freire (2011, p.4) explica que a escola como “um espaço onde se incentive a participação do povo na criação do saber, é instrumento de luta na transformação da história”. Nessa perspectiva, fica evidente o protagonismo da comunidade na escola, pois a mesma tem o poder e o direito de transformar pelo exercício da influência direta no funcionamento deste espaço social.

De igual modo, compreendemos que o processo de interação entre escola e comunidade deve pautar-se em conversas e relações de confiança. Bezerra, (2010), nos mostra que a escola deve fazer um levantamento sobre a situação da população em seu entorno, promover encontros, observar os recursos e aspectos da comunidade, a fim de melhorar o ensino aprendizagem. Sobre este ponto, vejamos o que nos fala o professor ao indicar as

consequências desse encontro: “*É a partir desse elo, desse contato que nós minimamente conseguimos desenvolver as nossas atividades docentes dentro da sala de aula, de forma que possibilite um aprendizado e a garantia de um direito que é fundamental a todo aluno, que é o direito de aprender*”. Percebemos nessas análises que um bom relacionamento entre escola e comunidade externa gera vínculos de pertencimentos, a escola à comunidade e vice-versa.

Em nossas observações podemos constatar que, mesmo a escola contendo condições estruturais mínimas, o fato dos pais, parceiros e alunos se sentirem responsáveis por sua existência e pela busca de outras conquistas e melhorias, todos se empenham para que se efetive o direito de aprender dos alunos, para que o trabalho do professor aconteça em espaços limpos e organizados. Esclarecemos que esta é uma escola anexo localizada em uma região periférica da zona urbana de São Luís.

Essa prática de gestão participativa e propositiva é esclarecida por Bezerra (2010, p.3) ao afirmar que a escola “ela precisa romper seus muros e estar plenamente inserida no seu tempo e na comunidade a qual pertence.” Por esse prisma, podemos inferir que o distanciamento entre escola e comunidade não é benéfico, ao contrário, a integração comunitária na escola é vital, pois possibilita experiências significativas e avanços positivos no processo educativo e no incentivo de novos olhares para a educação, em seus termos mais amplos.

Outro aspecto que merece deixar claro é que a escola não pode se isolar da comunidade, restringindo-se apenas a ações internas administrativas e pedagógicas. Manter distanciamento dos alunos, dos pais e de moradores do bairro em que ela está localizada, desconhecer ou ignorar seus problemas e mazelas sociais, significa dar abertura para a violência e para o fracasso em todos os sentidos, como por exemplo, o cognitivo, o social, o físico, o financeiro, o econômico e o emocional.

Embora a escola seja um local teoricamente visto como da formalização do conhecimento e cultura, defendemos que para termos um ambiente acolhedor e de sociabilidade não é sensato deixar de lado a questão da afetividade, da familiaridade, da proximidade e do carinho. Observamos que quanto mais nos sentimos familiarizados com o ambiente e fazemos parte dele, mais conseguimos fazer da construção do conhecimento algo prazeroso, significativo e comum no cotidiano escolar.

2.1 O trabalho docente e a interação com a comunidade

Como já dito anteriormente, o trabalho docente é facilitado quando há condições e empenho por parte de todos envolvidos no processo formativo. Bem assim, acreditamos ser necessário o professor articular sua aula com o contexto ao qual está inserido, considerar a condição dos alunos, da comunidade e as interferências externas mais amplas. Assim como a direção, os (as) professores precisam buscar meios para que a comunidade esteja mais presente no dia a dia da escola, promover atividades que incluam a comunidade. Isso é possível por meio da observação das mazelas da comunidade e da escola, assim como, dos problemas enfrentados pelos mesmos. Além da observação, a conversa com pais, alunos e vizinhos da escola e fazer uso da escuta, também são mecanismos facilitadores da relação escola-comunidade.

O trabalho docente, entendido como uma ação integrante do ensino, não deve ser um processo isolado. Por esse motivo, é pertinente que o (a) professor (a) conheça as condições de vida do aluno e da comunidade, a cultura local para que o planejamento das aulas contemple elementos curriculares que promovam aprendizagem significativa e qualifique o fazer docente. Notamos que todos aprendem com essa parceria, alunos, professores e comunidade. Sobre essa postura nos elucidava Ribeiro (1984, p.46): “[...] quanto mais clareza o professor tenha de que está inserido na luta pela socialização da cultura, melhores condições ele vai adquirindo de exercer concretamente (e não apenas em palavras ou boas intenções)”.

Para tanto, o professor deve assumir o papel de mediador, articulador e facilitador na escola e, portanto, apoiar a relação escola-comunidade, trazer a comunidade para a escola, aproximar os conhecimentos comunitários dos conhecimentos acadêmicos. Nessa relação, o diálogo com as famílias e com a comunidade local caracteriza-se como um convite acolhedor e integrador das dimensões viabilizadoras do processo educativo.

Na escola, lócus da nossa pesquisa, a esse respeito, as observações, as conversas informais e a entrevista nos autorizam a dizer que a parceria escola-comunidade gera resultados positivos, facilita a resolução de problemas, não só estruturais, mas também sociais e de ordem subjetiva, induzindo, de certa forma, à melhoria do processo ensino-aprendizagem. Como nos fala este professor, *“É a partir desse elo, desse contato, que nós minimamente conseguimos desenvolver as nossas atividades docentes dentro da sala de aula”*.

Outro dado importante e que merece destaque é que das escolas existentes naquele bairro, apenas essa, objeto da nossa investigação, funciona com aulas regulares e diárias. A

referida escola é um anexo de uma escola-polo, da rede municipal e sem a devida assistência por parte do município. Como nos informa a diretora da escola, uma das maiores motivações para o seu pleno funcionamento é o grande apoio e participação da comunidade. Ela nos diz: *“Tá vendo isso aqui, tudo pintado? as salas de aula, corredor, cantina? Tudo isso foi a comunidade que se juntou, fizemos tipo um mutirão. Eles limpam, pintaram, fizeram tudinho.”* Além dos cuidados com a manutenção e limpeza, a escola recebe doações de materiais da comunidade.

Pelas palavras e pelo tom das declarações ousamos afirmar o quanto a diretora sente satisfação e orgulho de fazer parte dessa instituição e da sua cultura. É inegável que existem dificuldades de ordem política, estrutural e pedagógica nesta escola, até porque o poder público não arca, a contento, com suas responsabilidades. Entretanto, as crianças não são prejudicadas no seu desempenho. Apesar dos obstáculos, os alunos são interessados e assíduos. Constatamos um baixo índice de evasão e isso se deve, à parceria e tomada para si - por parte da comunidade interna e externa da escola -, a responsabilidade de fazer funcionar bem, a gestão escolar e do ensino, mesmo com as pequenas condições existentes.

É verdade, que como essa escola, existem outras que enfrentam problemas de infraestrutura e no processo ensino aprendizagem. Além da comunidade se unir para pressionar o poder público, para resolver tais problemas, uma saída, a exemplo desta realidade apresentada, na tentativa de evitar maiores danos, para aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade é realizar um trabalho participativo formando parcerias, sem com isso efetivar uma privatização disfarçada, ou seja, executar funções que são de responsabilidade da rede oficial de ensino, a qual a escola está vinculada.

Isso pode ser percebido na escola em questão, onde a participação contínua da comunidade contribui diretamente para o funcionamento da escola, caso contrário, à mesma fecharia as portas. Sobre a dinâmica da gestão escolar Lopes (2009, p. 01) nos diz que,

É indispensável que família e escola sejam parceiras, com os papéis bem definidos, onde não se pratica a exigência e sim a proposta, o acordo. A família pode sugerir encontros para a escola, não ficando presos somente às reuniões formais, pois além de ser um bom momento para consolidar a confiança, podem discutir juntos acerca dos seus papéis. A escola pode estimular a participação dos pais, procurando conhecer o que pensam e fazem e obtendo informações sobre a criança.

Concordamos que o apoio da família é fundamental no processo de aprendizagem da criança. Os instrumentos usados na investigação nos revelam que esse sentimento de pertença suscitam redes vinculares que dão sustentabilidade e base de apoio à sociabilidade dos grupos ligados a escola. A justificativa é que pelo sentimento de pertencimento é provável

que as pessoas valorizem e cuidem mais do lugar que estão inseridos e das pessoas e coisas que ali se encontram. Além disto, acreditamos também que há um resgate de sentimentos como o amor, o cuidar, o educar e o respeito às diferenças. Ao mesmo tempo, o pertencimento cria uma identidade nos indivíduos e faz com que eles, numa comunidade ou num local específico, se esforcem para que o coletivo resista e busque uma sociedade mais justa e com qualidade sociocultural. Como resposta, as pessoas são levadas a refletir mais e melhor sobre a vida e sobre o lugar onde vivem, surgindo daí, um pensamento mais crítico e uma postura de superação do estado em que se encontram.

A escola na qual convivemos durante a pesquisa, nos mostrou o quanto esse sentimento de pertencimento é importante e o quanto ele provoca mudanças importantes na esfera física, política, emocional, social e, principalmente, no bom andamento das atividades didático-pedagógicas. Vimos que as crianças estabelecem uma relação muito amigável e protetora com tudo e com todos que as rodeiam, como por exemplo, se preocupam com o lanche, se todos usufruem desse benefício - incluindo a nós - e, principalmente, o não desperdício deste. Quanto ao material didático, como nem todos tinham livros, na maioria das salas as atividades são feitas em duplas, o que amplia ainda mais a proximidade, o sentimento de preocupação com o outro, a troca de experiências, a vivência permanente do diálogo.

3. CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos a temática “a escola como espaço de sociabilidade”. Refletimos sobre a participação da comunidade externa no contexto escolar. Respondendo a questão de partida, ou seja, como a participação da comunidade no entorno da escola contribui para o bom funcionamento da mesma, para o sucesso e o eficaz desempenho dos alunos, entendermos que essa participação é reflexo direto do entendimento de democracia que tanto é debatida e discutida em nossa sociedade.

Podemos observar que na escola investigada existe esse elo entre escola-comunidade e que ele é importante para o processo ensino-aprendizagem. Observamos também que as pessoas no entorno da escola são convidadas a participar das ações e decisões para que a mesma funcione de forma digna e também dê condições necessárias para que os professores realizem suas atividades. Chegamos à conclusão que a participação da comunidade nessa escola contribui para o desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa. Notamos que nesse espaço, as necessidades dos alunos e da comunidade são em

parte atendidas, ou seja, de acordo com as condições que dispõe.

Durante a realização da investigação sentimos a necessidade de ampliação de pesquisas que discutam e nos auxiliem no entendimento maior e melhor da realidade das escolas locais, tendo em vista a complexidade que envolve tal abordagem. Percebemos a necessidade de mais pesquisas na área, para maior aprofundamento teórico-metodológico a cerca da importância da temática no contexto educacional e como extensão acadêmica.

4. REFERÊNCIAS

Bezerra, Zedeki Fiel. **Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária.** Educar, Curitiba, n. 37, p. 279-291. Ed. UFPR. Maio/ago. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOPES, Patrícia. **Atuação dos pais na educação.** Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/atuacao-dos-pais-na-educacao.htm>. Acesso em 28 jul. de 2017.

Luck, Heloísa. **A DIMENSÃO PARTICIPATIVA DA GESTÃO ESCOLAR.** Brasil 2002.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

Ribeiro, Maria Luisa Santos. **A formação política do professor de 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 1984.